

GEORG LUKÁCS E A REIFICAÇÃO: TEORIA DA CONSTITUIÇÃO DA REALIDADE SOCIAL

Fábio Luiz Tezini Crocco*

RESUMO: Este artigo procura refletir sobre a reificação e as antinomias do pensamento burguês, que se edificam numa sociedade dominada pela produção e distribuição de mercadorias. Pautaremos nossa análise na obra *História e Consciência de Classes* (1923) de Georg Lukács e em sua relação com os estudos sobre a mercadoria realizados por Karl Marx. Assim, pretendemos realizar uma reflexão sobre a constituição da realidade social determinada pelos processos reificados da sociedade capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: Antinomias, Capitalismo, Mercadoria, Reificação e Totalidade.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the reification and the antinomies of the bourgeois thought, which are built in a society dominated by merchandise production and distribution. Our review is supported by the work *History and Class Consciousness* (1923) by Georg Lukács and its relationship with the studies on the merchandise accomplished by Karl Marx. Therefore, we intend to reflect on the constitution of social reality determined by the reified processes of the capitalist society.

KEYWORDS: Antinomies, Capitalism, Merchandise, Reification and Totality.

Introdução

A obra de Georg Lukács, *História e Consciência de Classe*, de 1923 foi um evento importante no marxismo e promoveu um choque traumático nas gerações posteriores de marxistas. É o texto fundador do marxismo ocidental de inspiração hegeliana, e desenvolve uma postura revolucionária engajada que foi pauta das discussões desenvolvidas pelas diferentes correntes filosóficas a partir dos anos 30¹. As principais preocupações das análises posteriores que se apoiaram nesta obra estão relacionadas com temas estruturais da vida social como o fetichismo da mercadoria, a reificação e a razão instrumental. Entretanto, há uma cisão radical entre o Lukács da obra de 1923 e sua postura desde o início dos anos trinta em diante, considerada sua fase termidoriana, momento em que se afasta da obra *HCC*², classificando-a como uma obra de mero interesse histórico. Em decorrência desta recusa do

* Mestre em Filosofia pela UNESP de Marília. E-mail: fabiocrocco@marilia.unesp.br.

¹ Escola de Frankfurt (Horkheimer, Adorno, Marcuse etc.) o existencialismo francês (Sartre, Merleau-Ponty) e marxistas independentes como Lucien Goldmann.

² *História e Consciência de Classe*.

autor, a obra foi oficialmente reeditada e publicada novamente apenas em 1967 acompanhada de um prefácio autocrítico. Porém, antes desta reedição o livro circulava entre os estudantes alemães em edições piratas, traduzidas em poucas línguas, como é o caso da edição francesa de 1959 (ZIZEK, 2003, p.159). Apesar da autocrítica de Lukács e das críticas dos intelectuais comunistas ao caráter especulativo-hegeliano da obra *HCC*, ela carrega consigo uma importante análise crítica sobre os limites da filosofia que foi edificada sobre a estrutura reificada da realidade.

Reificação como teoria da realidade social

O estudo da reificação³ assenta-se na análise do fenômeno da alienação e do fetichismo da mercadoria. A reificação como conceito é o desenvolvimento lógico e histórico destes. Trata-se da elaboração da temática da alienação que, passando pelo fetichismo, culmina na incubação da reificação como uma nova configuração histórica da análise social, na qual ainda estão presentes seus conteúdos constitutivos. Pode-se até mesmo afirmar que - diante da universalização da mercadoria como objetivação social - no conceito de alienação já estava presente o que viria a ser o fetichismo e a reificação. Segundo Marx, o fetichismo da mercadoria é um fenômeno característico da sociedade capitalista, uma forma que penetra em todas as esferas da vida e influencia diretamente as relações entre os homens. O que é específico deste processo é o predomínio da coisa, do objeto sobre o sujeito, o homem; é a inversão entre a verdade do processo pelo que ele aparenta ser em sua forma imediata. E nisto se aproximam os conceitos de alienação, fetichismo e reificação⁴ (RESENDE, 1992, p.156-157).

O conceito de reificação foi elaborado na obra de Lukács que tornou-se amplamente conhecida pelos marxistas. No capítulo “A reificação e a consciência do proletariado” presente na obra *HCC*, são promovidos debates centrais sobre este conceito⁵. Suas principais contribuições estariam atreladas aos estudos marxianos sobre a mercadoria. Lukács apreendeu a novidade estrutural do conceito de mercadoria, expressa em *O Capital*, contida

³ *Verdinglichung* é o termo alemão que guarda em sua tradução o sentido latino de *RES* (coisa), que poderia ser tomado como coisificação.

⁴ Sobre a vinculação da problemática da alienação com o fetichismo da mercadoria e a reificação, ver também, *Capitalismo e reificação* de João Paulo Neto, 1981.

⁵ Nesta parte da *HCC*, Lukács aproxima o modelo de crítica da reificação à crítica em Marx – na sua *Crítica à Economia Política* – aplicando-as nas formas de existência reificada, como o Direito e a Filosofia do Idealismo alemão.

principalmente no estudo sobre o “fetichismo da mercadoria” que impõe à realidade social sua própria forma de “objetivação”, como domínio da “reificação”. Para Lukács e Marx, o capitalismo caracteriza-se pela dominação do valor de troca, como dominação abstrata que as “coisas” exercem sobre os sujeitos. Diante das reflexões de Marx, Lukács propõe uma análise “do caráter fetichista da mercadoria como forma de objetividade” e o “comportamento do sujeito que lhe está coordenado, questões cuja compreensão basta para permitir uma visão clara dos problemas ideológicos do capitalismo e do seu declínio” (LUKÁCS, 1989, p.98). Pois diferentemente da análise tradicional da ideologia, referente à inversão entre pensamento e objeto, como consciência falsa e invertida da realidade, Lukács preocupa-se com a “aparência objetiva” (*Gegenstaendlicher Schein*) presente na produção e distribuição de mercadorias promovida na realidade social (MAAR, 1996, p.37).

Não é por acaso que as duas grandes obras da maturidade de Marx, cujo objectivo é descrever o conjunto da sociedade capitalista e pôr a nu seu caráter fundamental, começam por uma análise da mercadoria. Com efeito, nesta etapa da evolução da sociedade não há problema que não nos remeta, em última análise, para esta questão, e não deva ser procurada na solução do enigma da *estrutura* da mercadoria. É evidente que o problema só pode elevar-se a este grau de generalidade quando colocado com a grandeza e profundidade que atinge nas análises de Marx, quando o problema da mercadoria não aparece apenas como um problema particular, mas como o problema central, estrutural da sociedade capitalista em todas as suas manifestações vitais. Só assim é possível descobrir na estrutura da relação mercantil o protótipo de todas as formas de objetividade e de todas as formas de subjetividade na sociedade burguesa (LUKÁCS, 1989, p.97).

Lukács atenta para o fato do fetichismo ser uma questão específica do moderno sistema capitalista, pois mesmo que as relações mercantis já estivessem presentes em etapas primitivas da sociedade, somente na modernidade ela tornou-se universal, com a capacidade de influenciar todos os âmbitos da vida social. Nas sociedades primitivas, afirma o autor, a troca direta, que significava a “forma natural do processo de troca, representa mais o princípio da transformação dos valores de uso em mercadorias do que das mercadorias em dinheiro” (LUKÁCS, 1989, p.98). Entretanto, diante das transformações das comunidades primitivas em sociedades mais complexas a troca direta entre produtor e consumidor presencia o aparecimento de novos agentes mercantis, como é o caso do intermediário, “o comerciante que compara os preços monetários e arrecada a diferença” (LUKÁCS, 1989, p.99). Lukács caracteriza o capital mercantil primitivo como “o momento de mediação entre extremos que não domina e condições que não cria” (LUKÁCS, 1989, p.99). Em contraposição à sua forma

primitiva, no capitalismo moderno temos a forma mercantil como uma forma dominante sobre todo o conjunto social.

Por isso, não é de estranhar que, no início da evolução capitalista, ainda se descortinasse, por vezes de uma maneira relativamente clara, o caráter pessoal das relações econômicas; mas, quanto mais a evolução progredia, mais complicadas e mediatizadas surgiam as formas, mais raro e difícil se ia tornando rasgar o véu da reificação (LUKÁCS, 1989, p.100).

A “objetividade ilusória” analisada por Lukács assenta-se na estrutura mercantil, em que relações entre pessoas tomam o caráter de relações entre coisas (LUKÁCS, 1989, p.97). As questões centrais analisadas no estudo da reificação são aquelas que decorrem do “caráter fetichista da mercadoria como forma de objetividade” e do comportamento do sujeito inserido neste processo (LUKÁCS, 1989, p.98). O homem é submetido tanto materialmente quanto psicologicamente a uma realidade abstrata e fragmentada, e vai deixando de perceber as mediações entre ele e a totalidade. A divisão social do trabalho atrelada à mecanização progressiva dos meios de produção transforma desde as formas mais elementares de produção até a indústria moderna em processos racionalmente operacionais, subdivididos e parciais. A racionalidade produtiva do capitalismo avançado promove a eliminação das propriedades qualitativas dos homens e destrói a mediação entre o trabalhador e o produto de seu próprio trabalho. Promove a perda da totalidade⁶ presente no objeto produzido, reduzindo o trabalho a um exercício mecânico repetitivo (LUKÁCS, 1989, p.102). Lukács afirma que a mecanização, expressa na fragmentação do trabalho e na racionalização de seus processos parciais, não é somente uma realidade material, mas também espiritual, pois introduz na subjetividade do trabalhador os mesmos processos reificados da produção industrial.

Com a moderna decomposição “psicológica” do processo de trabalho (sistema de Taylor), esta mecanização racional penetra até a “alma” do trabalhador: até as suas propriedades psicológicas são separadas do conjunto de sua personalidade e objectivadas em relação a esta para poderem ser integradas em sistemas racionais especiais e reduzidas ao conceito calculador (LUKÁCS, 1989, p.102).

A análise realizada por Lukács afirma a crescente autonomia dos processos da racionalização industrial que se tornam cada vez mais independentes, racionais e baseados no

⁶ “O produto que forma uma unidade como objeto do processo de trabalho desaparece. O processo transforma-se na associação objectiva de sistemas parciais racionalizados cuja unidade é calculada pelo puro cálculo, os quais devem, portanto, necessariamente, aparecer como contingentes uns em relação aos outros” (LUKÁCS, 1989, p.102).

cálculo. Este processo possui implicações diretas no sujeito, pois a perda da totalidade do objeto enquanto produto do trabalho humano significa a própria perda da totalidade da consciência do sujeito. A fragmentação dos processos de produção e da divisão do trabalho significa a fragmentação do indivíduo⁷, sua inserção fragmentada nesta realidade o conduz a uma posição contemplativa diante do processo de produção mercantil (LUKÁCS, 1989, p.103-104). Diante deste processo produtivo estranhado, indivíduo e sociedade separam-se, e a universalidade da forma mercantil e dos processos de fragmentação do trabalho promove a percepção de uma realidade insuperável baseada na troca abstrata. O indivíduo diante destes poderosos processos transforma-se num espectador que vislumbra o sistema como algo estranho, separado e independente de sua vontade.

O processo no qual o indivíduo está inserido, caracterizado pela universalização da forma mercantil, é correlato à forma interior da empresa industrial. A estrutura da sociedade capitalista é a própria estrutura de uma empresa mecanizada e racionalmente administrada. Lukács afirma haver uma aproximação entre a universalização da mercadoria como forma dominante da realidade moderna e o destino do trabalhador (destino do Homem), que é ele próprio mercadoria inserido na produção industrial.

O destino do trabalhador que se torna universal para toda a sociedade é o processo que transforma tudo em valor-de-troca. A reificação está presente no trabalho e na consciência do indivíduo e na totalidade da sociedade dominada pela mercadoria. Segundo Lukács, o capitalismo moderno atua no sentido de “substituir por relações racionalmente reificadas as relações originais em que eram mais transparentes as relações humanas” (LUKÁCS, 1989, p.106). Neste sentido, pode-se afirmar que o destino do homem caracteriza-se justamente pelo processo de transformação do valor de uso, qualitativo e direto, em valor de troca abstrato, a própria permutabilidade da quantidade do tempo de trabalho abstrato. Este processo não apenas encobre os processos produtivos, como também inverte as relações entre sujeito produtor e objeto produzido. Encobre as relações humanas e as manifestações da vida do homem que são colocadas no objeto da produção. As determinações da produção tornam-se obscuras e estranhas ao sujeito reificado. Em relação a este processo reificante, Lukács afirma:

⁷ “(...) esta fragmentação do objeto da produção é também necessariamente a fragmentação do seu sujeito” (LUKÁCS, 1989, p.103).

Assim como o sistema capitalista se produz e reproduz economicamente a uma escala cada vez mais alargada, também, no decurso da evolução do capitalismo, a estrutura da reificação penetra cada vez mais profundamente, fatalmente, constitutivamente, na consciência dos homens (LUKÁCS, 1989, p.108).

Lukács caracteriza como particularidade da forma moderna do capitalismo a utilização generalizada da técnica racional no aparato produtivo. Para refletir sobre uma sociedade baseada no cálculo racional o autor recorre a Max Weber como elucidação deste processo de racionalização crescente (LUKÁCS, 1989, p.110-111). Para Lukács, a universalidade da racionalidade da reificação sustentada no cálculo e na previsibilidade demonstra a atitude contemplativa do indivíduo no capitalismo moderno. “Pois a essência do cálculo racional assenta, afinal de contas, no facto de se conhecer e prever o curso que inevitavelmente tomarão os fenômenos, de acordo com as leis e independentemente do *arbítrio* individual” (LUKÁCS, 1989, p.112). A relação entre a empresa capitalista e o processo de racionalização possibilitou o crescimento das técnicas produtivas e da organização racional da produção, e promoveu o aumento da fragmentação do trabalho, e em consequência, a da consciência do trabalhador. Diferentemente dos modos de produção pré-capitalistas a configuração moderna do sistema não condiz com uma diferença qualitativa na estrutura da consciência, mas sim com uma diferença puramente quantitativa e de grau (LUKÁCS, 1989, p.113).

Este processo permite a compreensão do caráter crescente da burocracia que se relaciona diretamente com uma racionalidade formal baseada em aspectos quantitativos e que passa a administrar a vida dos homens. Lukács afirma que “a burocracia implica uma adaptação do modo de vida e de trabalho e também, paralelamente, da consciência, aos pressupostos econômicos e sociais gerais da economia capitalista (...)” (LUKÁCS, 1989, p.113). A burocracia, relacionada com a totalidade reificada e o tratamento racionalmente formal dado aos objetos na produção capitalista moderna, promove o desprezo crescente da essência qualitativa das coisas (LUKÁCS, 1989, p.113).

No processo da divisão do trabalho o sujeito sofre com a crescente especialização e fragmentação do processo de trabalho que também significa a própria fragmentação da subjetividade. Segundo Lukács, a objetividade humana reificada “exige técnicas de exploração mais elevadas, mais evoluídas e mais *espirituais*” (LUKÁCS, 1989, p.114). No processo da universalização da forma mercantil Lukács reflete sobre uma ruptura fundamental na subjetividade:

A rotura entre força de trabalho e a personalidade do operário, a metamorfose daquela numa coisa, num objeto que o operário vende no mercado, repete-se também aqui, onde apenas se diferencia por não se constituir o conjunto das faculdades intelectuais que é oprimido pela mecanização resultante das máquinas, mas uma faculdade, ou um complexo de faculdades, que é destacado do conjunto da personalidade, objectivado em relação a ela, e que se torna coisa, mercadoria (...) tudo isso mostra que a divisão do trabalho mergulhou na “ética”, tal como, com o taylorismo, mergulhara no “psíquico”, o que não é, apesar de tudo, um enfraquecimento mas, pelo contrário, um reforço da estrutura reificada da consciência como categoria fundamental para toda a sociedade (LUKÁCS, 1989, p.114).

Para Lukács, existe uma relação intrínseca entre a estrutura econômica universal e a estrutura subjetiva da consciência, o que possibilita afirmar que os problemas no âmbito da consciência estão relacionados com a forma de objetivação humana. Diferentemente das formas de trabalho da Antigüidade, nas quais o trabalhador parecia ter um destino isolado, no capitalismo moderno a objetivação realiza-se universalmente por meio da mão-de-obra do trabalhador como mercadoria. “Foi no capitalismo que pela primeira vez produziu, com uma estrutura econômica unificada para toda a sociedade, uma estrutura de consciência – formalmente – unitária para o conjunto da sociedade” (LUKÁCS, 1989, p.114). Conforme Lukács, a estrutura unitária que caracteriza a sociedade capitalista moderna promove, por meio do trabalho assalariado, a repetição dos problemas da consciência. O trabalhador “(...) não só se transforma num espectador do devir social (...) como também adota uma atitude contemplativa em relação ao funcionamento das suas próprias faculdades objectivadas e coisificadas” (LUKÁCS, 1989, pp.114-115).

Ao refletir sobre racionalização presente em todos os âmbitos da sociedade, Lukács se depara com um problema fundamental: a racionalidade presente no momento parcial da produção e a irracionalidade e contingência do conjunto. Segundo Lukács,

Esta incoerência manifesta-se mais cruamente nas épocas de crise, cuja essência (...) consiste justamente em que a continuidade imediata da passagem de um sistema parcial a outro se desloca, enquanto a independência de uns em relação aos outros, o caráter contingente das relações entre eles, se impõe subitamente à consciência de todos os homens (LUKÁCS, 1989, p.116).

É uma característica básica da sociedade capitalista a relação entre as particularidades governadas por leis em contraposição à irracionalidade do movimento da totalidade. “(...) Pois é bem claro que todo o edifício da produção capitalista assenta nesta interacção entre uma necessidade regida por leis rigorosas em todos os fenômenos particulares e uma

irracionalidade relativa do processo de conjunto” (LUKÁCS, 1989, p.117). Lukács afirma que se a racionalidade presente nos processos parciais estivesse presente na totalidade social e nas relações de concorrência entre os proprietários, tais relações não poderiam se concretizar. Pois o sistema como um todo se sustenta não apenas impondo aos indivíduos suas leis contingentes, mas também impossibilitando um conhecimento total ou integral da realidade social. Uma correspondência racional à irracionalidade do sistema capitalista moderno significaria sua própria supressão, porque asseguraria ao indivíduo o conhecimento integral da totalidade (LUKÁCS, 1989, p.117). Neste sentido, nota-se que o limite da racionalidade no sistema capitalista avançado encontra-se num conhecimento que não consegue enxergar para além desta realidade abstrata, formal, imediata, fragmentada e quantitativa.

A mercadoria e as antinomias do pensamento burguês

Somente a mercadoria⁸ enquanto categoria universal possibilita o conhecimento da totalidade social, a apreensão da essência fidedigna de suas nuances que se encontram arrojadas ao processo evolutivo da reificação (LUKÁCS, 1989, p.100). Lukács afirma ser justamente esta inversão estrutural que sofre a realidade sobre a dominação da forma mercadoria “o que faz com que o homem se oponha a sua própria atividade, ao seu próprio trabalho, como algo de objectivo, independente dele e que o domina pelas suas leis próprias, estranhas ao homem” (LUKÁCS, 1989, pp.100-101). Para a compreensão deste processo de universalização da forma mercantil e da reificação, resultante das determinações históricas do capitalismo moderno, é importante promover certos questionamentos: Como e por que o processo de valoração sobrepõe o processo de trabalho? Por que os homens medem seu trabalho quantitativamente por meio do tempo de trabalho abstrato? Por que a realidade inverteu-se transfigurando as relações entre sujeito e objeto? A filosofia tem dificuldades de responder estas questões, por ela própria estar inserida nesta realidade reificada. Estas questões representam os limites da filosofia erigida sobre a totalidade reificada, e dependem da auto-reflexão de seus processos históricos constituintes com a finalidade de promover a compreensão da inversão sofrida pela realidade. Neste sentido, Lukács, em “As antinomias do pensamento burguês”, procura analisar os limites da filosofia moderna estruturada sobre a

⁸ Classe operária como sujeito-objeto da história, como mercadoria que tem a capacidade de conhecer-se a si mesma e romper com as determinações fragmentárias da realidade no capitalismo moderno.

consciência reificada com a finalidade de promover uma crítica ao “racionalismo moderno” e de ir além desta forma limitada e fragmentada de conhecimento.

A filosofia moderna se edificou sobre uma realidade que perdeu sua unidade e “nasceu da estrutura reificada da consciência” (LUKÁCS, 1989, p.126). Lukács preocupou-se em refletir sobre um processo inerente à filosofia moderna de identificação entre o conhecimento formal e matemático com o conhecimento em geral⁹. O conhecimento filosófico em seu processo esteve unido ao desenvolvimento das ciências matemáticas, físicas e geométricas, que por sua vez, tornaram-se determinantes ao conhecimento e relacionaram-se intimamente com a racionalização técnica aplicada à produção do sistema capitalista. “Os métodos da física matemática, tornam-se assim o guia e a medida da filosofia, do conhecimento do mundo como totalidade” (LUKÁCS, 1989, p.127). Segundo Lukács, a novidade do racionalismo moderno é sua reivindicação da descoberta do princípio de conexão da totalidade dos fenômenos.

Esta reivindicação do racionalismo moderno invoca a “revolução copernicana” de Kant como a radicalização de um processo filosófico em andamento que vislumbrava “não mais aceitar o mundo como algo que surgiu independentemente do sujeito cognoscente (que foi, por exemplo, criado por Deus) mas antes concebê-lo como o próprio produto do sujeito” (LUKÁCS, 1989, p.127).

Da dúvida metódica e do *cogito ergo sum* de Descartes, passando por Hobbes, Spinoza, Leibniz, a evolução segue uma linha recta que tem por fio director, rico de variações, a idéia de que só podemos conhecer o objeto do conhecimento porque e na medida em que somos nós próprios a criá-lo (LUKÁCS, 1989, p.127).

O racionalismo moderno, ao se vincular à produção de mercadorias amparado na previsão, no cálculo e na atitude contemplativa dos indivíduos frente à produção capitalista, promove a perda da totalidade e a incapacidade de conhecer o conjunto, pois este é determinado pela irracionalidade de suas relações contingentes. Lukács procura analisar os limites do conhecimento filosófico incapaz de abstrair a totalidade da realidade que está amparada numa sociedade reificada. Esta reflexão sobre o racionalismo moderno é realizada a

⁹ A filosofia moderna promove a identificação entre “capacidade criadora” - que significa justamente o método da matemática e da geometria e em seguida o da física matemática como criação do objeto a partir de condições formais - e essência do pensamento humano sem que se questione tal método do conhecimento: “A questão de saber porque e com que direito o entendimento humano apreende precisamente como sua própria essência tais sistemas de formas (por oposição ao carácter “dado”, estranho, incognoscível dos conteúdos destas formas) é questão que não se põe: aceita-se como evidência” (LUKÁCS, 1989, p.127).

partir do conceito kantiano da coisa em si, no qual é localizado o limite do conhecimento¹⁰ filosófico na época burguesa.

A “revolução copernicana” instaurada por Kant afirma que o conhecimento só é possível por meio do sujeito. A compreensão da realidade depende do sujeito cognoscente e não da substância interior do objeto como conteúdo. O real só pode ser conhecido nas formas da intuição (espaço e tempo) e do pensamento (categorias do intelecto). Em Kant não é possível apreender a substância da coisa em si, o númeno é algo que não se define no absoluto, e neste sentido, na filosofia kantiana se renuncia ao conhecimento da totalidade. As limitações da coisa em si demonstradas por Lukács são a “inapreensibilidade da totalidade a partir dos conceitos formados nos sistemas racionais parciais e irracionalidade dos conteúdos particulares dos conceitos” (LUKÁCS, 1989, p.132). Lukács analisa a sociedade burguesa por meio da filosofia kantiana e da compreensão da realidade que advém deste pensamento. Nota, por um lado, o aumento da dominação que incide nas partes, nos elementos parciais da realidade, e por outro lado, a impossibilidade de desenvolver um pensamento da totalidade social, o qual poderia direcionar o conjunto da sociedade e suprimir suas determinações irracionais e contingentes.

Kant, em sua teoria da coisa em si, apresenta e eterniza o limite da filosofia moderna. Esta tendência kantiana para o conhecimento do objeto, mergulhada em suas formas puras, na coesão com as ciências matemáticas e de acordo com as leis da natureza, “transformam cada vez mais o conhecimento numa contemplação metodologicamente consciente dos puros conjuntos formais, das “leis” que funcionam na realidade objectiva, *sem intervenção do sujeito*” (LUKÁCS, 1989, p.145). Esta definição da contemplação¹¹ do conhecimento contradiz o que fora dito anteriormente sobre o conhecimento produzido por “nós”

¹⁰ O limite do racionalismo moderno consiste em não ir além da aparência, não conhecer a essência dos objetos. Tal racionalismo é um sistema formal e abstrato que se orienta por meio do que é apreensível, manipulável, dominável e calculável pelo entendimento humano. É um conhecimento que reivindica a apreensão do todo, mas que não supera a oposição dualista entre forma e conteúdo, e que representa a compreensão formalizada da realidade.

¹¹ Conforme afirma Lukács, a ciência moderna é a forma exemplar de *contemplação* e de *aparência de práxis*. A ação contemplativa do sujeito “consiste em calcular previamente, no grau que for possível, em apreender pelo cálculo o efeito provável destas leis e em fazer com que o sujeito da *acção* assumam uma posição em que tais efeitos propiciem as melhores hipóteses de êxito, para os fins que temos em vista (...). Mas, por outro lado, é igualmente claro que, quanto mais a realidade e a atitude do sujeito *actuante* a seu respeito se aproximam deste tipo, tanto mais o sujeito se transforma em órgão que busca apropriar-se dos resultados possíveis de sistemas de leis conhecidos, tanto mais a sua *actividade* se limita a situar-se no ponto de vista a partir do qual estes resultados (por si próprios e sem a sua intervenção) podem ser obtidos em conformidade com os seus interesses. A atitude do sujeito torna-se, no sentido filosófico, puramente contemplativa” (LUKÁCS, 1989, p.147).

(capacidade criadora do sujeito). Mas, segundo Lukács, essa contradição é importante para mostrar as contradições do racionalismo moderno e serve para guiar a uma possível solução.

Por outras palavras, a contradição que aqui se manifesta entre a subjectividade e a objectividade dos sistemas formais modernos e racionalistas, o emaranhado e os equívocos contidos nos seus conceitos de sujeito e objecto, a incompatibilidade entre a sua essência de sistemas por “nós” “produzidos” e a sua necessidade fatalista estranha ao homem e dele afastada são apenas a formulação lógica e metodológica do estado da sociedade moderna: porque, por um lado, os homens quebram dissolvem e abandonam cada vez mais as ligações simplesmente “naturais”, irracionais “efectivas” mas, por outro lado e simultaneamente, levantam em redor de si, nesta realidade criada por eles próprios “produzida” por eles “próprios”, uma espécie da segunda natureza cujo desenrolar se lhes opõe com a mesma impiedosa conformidade às leis que outrora os tornavam forças naturais irracionais (mais precisamente: relações sociais que lhes apareciam sob essa forma) (LUKÁCS, 1989, p.145).

Entretanto, segundo Lukács, a grandeza de Kant torna-se presente justamente ao demonstrar os limites da racionalidade burguesa, que se caracteriza pela quebra da unidade da razão¹². Ao contrário dos racionalistas dogmáticos que solucionavam a questão da filosofia moderna mantendo a contradição entre forma e conteúdo, liberdade e necessidade, voluntarismo e fatalismo (LUKÁCS, 1989, pp.151-152), Kant apresenta a *antinomia* da racionalidade burguesa:

A adequação do devir natural a “leis de bronze eternas” e a liberdade puramente interior da prática moral individual aparecem, no fim da *Crítica da Razão Prática*, como fundamentos da existência humana separados e inconciliáveis, mas ao mesmo tempo dados irrevogavelmente na sua separação. A grandeza filosófica de Kant é não ter dissimulado, em ambos os casos, o carácter insolúvel do problema com uma decisão dogmática e arbitrária, fosse em que sentido fosse, mas ter, rudemente e sem lhe esbater a forma, salientado este carácter insolúvel (LUKÁCS, 1989, p. 152).

A reflexão realizada por Lukács sobre a filosofia moderna procurou demonstrar a falsidade da realidade sobre a qual se edifica a teoria filosófica. Por este motivo a atitude kantiana de persistir na *antinomia* é muito importante, pois a partir deste limite do racionalismo moderno já é possível perceber e vislumbrar algo para além. Diante deste limite da filosofia moderna, Lukács afirma que é preciso sair desta formalidade calculadora e quantitativa que está atrelada ao desenvolvimento da indústria, pois a ciência passa a vincular-

¹² A perda da unidade da razão significa a própria anulação do potencial crítico do existente. Contrária a esta anulação da crítica, Lukács mantém a potencialidade da crítica na categoria materialista de *totalidade* com a finalidade de apontar a superação do capitalismo.

se ao processo de valorização do sistema capitalista. Lukács contribui qualitativamente com a crítica hegeliana para promover a crítica ao formalismo do racionalismo moderno. Esta contribuição consiste em conferir à reflexão dialética um sentido histórico-materialista que por meio do conceito de reificação pretende refletir sobre a estrutura de funcionamento do fetichismo da mercadoria que se torna universal no mundo moderno.

A crítica lukácsiana à racionalidade moderna fundamenta-se na crítica de Hegel à Kant¹³ que consiste em superar o formalismo e a separação entre forma e conteúdo, teoria e prática, sujeito e objeto etc. Hegel procura superar a crítica kantiana que se sustenta num sujeito contraposto ao mundo, num sujeito como um esquema dual. Diferentemente, a dialética hegeliana une e identifica os opostos. A situação antagonista não é definitiva, mas superável dialeticamente por meio dos movimentos contraditórios da realidade. Para Hegel, a verdade é o objeto em movimento. Existe uma falsidade na verdade e uma verdade na falsidade, pois a verdade não é estática, não é uma verdade final, mas sim, dinâmica em processo, movimento autocrítico do pensamento. E, neste sentido, a crítica está sempre condicionada pela sua determinação histórica. O conhecimento cindido presente na racionalidade formal é contraposto ao restabelecimento da totalidade como fundamento do conhecimento humano. Por este motivo a teoria hegeliana que procura resgatar o todo é fundamental para a reflexão de Lukács. “Assim nasce uma lógica inteiramente nova, na verdade ainda muito problemática no próprio Hegel e só seriamente elaborada depois dele; uma lógica do conceito concreto, uma lógica da totalidade” (LUKÁCS, 1989, p. 161). Pode-se dizer, então, que a teoria hegeliana é uma tentativa de superar a reificação do pensamento, porém sua limitação está no fato dela ser buscada fora das relações concretas, ou seja, na *Fenomenologia do Espírito* e na *Lógica*.

Este limite apontado por Lukács sobre o pensamento de Hegel seria superado na teoria de Marx, pois, para este, pensamento e ser não são idênticos e a relação entre objetividade e subjetividade está dialeticamente amparada no processo histórico real e concreto da existência humana. Neste sentido, a análise lukácsiana sobre a reificação delimita-se nas características que estão mediadas ao processo de produção da existência humana, e assim, procura refletir sobre a forma dessa existência no capitalismo moderno. O estudo da perda da totalidade, da fragmentação do trabalho e da consciência subjetiva, é correlato ao estudo da divisão do trabalho, da sobreposição do valor de uso ao valor de troca provocado pela universalização da

¹³ A crítica de Lukács parece dirigir-se mais ao que se seguiu a Kant, como as tentativas de atingir a coisa-em-si pelos neokantianos e positivistas.

forma mercantil e pela racionalização de todas as esferas da vida. O materialismo, diante das limitações da filosofia moderna que está inserida neste processo reificado, seria a percepção das insuficiências da filosofia e estaria engajado na superação de tais antinomias. A totalidade como o duplo caráter do trabalho (valor de uso e valor de troca) e a universalização do valor de troca sobre o valor de uso expressam a existência de uma dupla natureza da produção social. A *primeira natureza* consistiria na produção de valores de uso e na satisfação das necessidades dos homens relacionadas com sua sobrevivência e autoconservação. Já a *segunda natureza* seria considerada a “objetividade fantasmagórica”, a forma de socialização que toma as relações humanas no modo de produção capitalista, sustentada na troca abstrata e na coisificação da totalidade dos entes da realidade.

A centralidade da argumentação de Lukács na obra *HCC* é a idéia de totalidade apropriada da filosofia hegeliana e transportada para a teoria marxista. Esta proposta de reflexão propunha que as partes só seriam dotadas de sentido quando referidas ao todo¹⁴. Sua crítica foi direcionada à realidade e às visões fragmentadas presentes no capitalismo moderno que impossibilitavam um conhecimento integral capaz de suprimir a irracionalidade da totalidade do sistema. Em Lukács, a possibilidade de conhecimento está fortemente ligada à situação de classes, pois sustentava a possibilidade de se produzir formas de conhecimento ou manifestações de consciência de classe. Somente com o surgimento do proletariado é possível um conhecimento da totalidade social. O proletariado, a partir de sua classe e das condições históricas objetivas (que tem seu ápice na universalização da forma mercantil), tem a capacidade de ver o todo da sociedade.

A efetivação desta viragem operada pela filosofia clássica e que começava, pelo menos metodologicamente, a apontar para além destes limites, a efetivação do método dialético como método da história, ficou reservada à classe que estava habilitada a descobrir em si mesma, a partir do seu fundamento vital, o sujeito-objecto idêntico, o “nós” da gênese: ao proletário (LUKÁCS, 1989, p. 168).

A sociedade capitalista, fundamentada na exploração do trabalho assalariado, possibilita ao proletariado o conhecimento de si mesmo e da totalidade, pois ambos coincidem. O proletariado é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de seu próprio conhecimento. Em *HCC* a consciência verdadeira apresenta-se como um conhecimento que se desenvolve dentro do proletariado como sujeito-objeto da história. A consciência da classe operária surge

¹⁴ A argumentação de Lukács sobre a consciência de classe em *HCC* está amparada na *Fenomenologia do Espírito* de Hegel.

como um pensamento coletivo organizado capaz de olhar para além das determinações vigentes e da aparência ideológica da sociedade burguesa. Para Lukács, o conhecimento da totalidade unido à ação revolucionária do proletariado seria capaz de interferir no movimento histórico da realidade (FREDERICO, 1997, pp. 13-14). Segundo Lukács, “o conhecimento de si é, pois, para o proletariado, o conhecimento objectivo da essência da sociedade” (LUKÁCS, 1989, p. 168). Neste mesmo sentido, sobre a “função da teoria como auto-conhecimento da realidade” (LUKÁCS, 1989, p. 31), Maar afirma:

Isto é: enquanto dimensão estrutural da realidade produzindo os termos de sua manifestação fenomênica invertida e falseadora, e deste modo impelindo à sua transformação. Aponta-se assim a gênese da dinâmica dialética da história pela qual a realidade consegue se conhecer em sua manifestação necessária como coisa, e simultaneamente prenuncia a reconstituição da realidade a partir desta sua forma reificada (MAAR, 1996, p.36).

A ciência moderna amparada no método da física-matemática é a própria expressão da fragmentação da realidade que impossibilita o conhecimento da totalidade. Na realidade reificada o conhecimento formal, fragmentado e especializado torna-se estranho e alheio aos indivíduos. Esta ciência, amparada na experimentação e aplicação produtiva de seus conhecimentos formais, expõe um sujeito dotado de atitude simplesmente contemplativa que perdeu a capacidade de interferir efetivamente na realidade social. Os homens perderam o controle das coisas, e, portanto, as coisas passaram a controlar os homens que se tornaram, eles próprios, meros objetos. Entretanto, a preocupação central de Lukács em *HCC* e principalmente em sua análise da reificação é superar o caráter “dado” e “estranhado” da realidade na sociedade capitalista moderna, com a finalidade de devolver ao sujeito sua capacidade de interferir qualitativamente na realidade. Para isso, é necessário subjugar o conhecimento científico ao controle e à criação dos homens, e assim possibilitar a realização da universalização das objetivações humanas, ao contrário dos conhecimentos e objetivações fragmentados e particularizados. Por meio da compreensão total da realidade social o proletariado, em sua condição de possível conhecedor da totalidade, é capaz de constituir-se como sujeito-histórico da transformação social e superar a realidade reificada.

Referências bibliográficas:

FREDERICO, C. *Lukács: um clássico do século XX*. Coleção Logos. 1º Edição. São Paulo: Editora Morena, 1997.

LUKÁCS, G. *História e consciência de classe: estudos de dialética marxista*. Trad. Telma Costa; Revisão Manuel A. Resende e Carlos Cruz – 2º Edição, Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Porto, Portugal, Publicações Escorpião, 1989.

MARX, K. O fetichismo da mercadoria: seu segredo. *O Capital*, Vol. 1, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.

MAAR, W. L. A reificação como realidade social. In: ANTUNES, R.; RÊGO, W. L. (org.) *Lukács, um Galileu no século XX*. 2 ed. São Paulo, Boitempo, 1996.

NETO, J. P. *Capitalismo e Reificação*. São Paulo: Livraria Editora Humanas, 1981.

RESENDE, A. C. A. *Fetichismo e Subjetividade*. 1992. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.

ZIZEK, S. De História e consciência de classe a Dialética do esclarecimento, e volta. *Lua Nova*, São Paulo, n. 59, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452003000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 June 2008.

Artigo recebido em 27/07/2009

Aceito em 24/09/2009